

LONDRINA

Não é a primeira vez que vejo Londrina. Andei por aqui em 1934, quando, humilde e operoso repórter agrícola, acompanhei uma comissão de importadores europeus de café por todas as zonas de café de São Paulo e Paraná. A cidade, fundada pouco antes, tinha cerca de 2.000 habitantes. Voltei em fins de 1940, para fazer, com amigos, uma caçada às margens do Tibagi, onde por sinal caçei, antes de tudo, uma bela maleita; e Londrina tinha 12.000 habitantes. Volto agora para encontrá-la com cerca de 35 mil.

Se em 1934 eu tivesse comprado no centro da cidade um lote de 15 por 40 teria pago 400 mil réis; hoje seria possível vendê-lo por 1 milhão de cruzeiros. Também neste caso meu grande consolo é pensar que em 1934 eu não tinha, de maneira alguma, 400 mil réis disponíveis; e se tivesse os gastaria, com certeza, de modo mais divertido.

Meu amigo Rocha comprou, em fins de 1939, em um bairro da cidade, uma casa de material ("de material" quer dizer: de tijolos, e não de madeira, como costumam ser as casas no interior do Paraná) por 15 contos, com um terreno de 1.200 metros quadrados; vendeu isso em 1950 por 400 contos.

Nesta zona alqueire de terra para café (naturalmente é o alqueire paulista, de 24.200 metros quadrados) está valendo, em média, 10 contos; para cereais, cerca de 8 contos.

O município, criado em 1934, perdeu três distritos, que passaram a constituir municípios novos: Rolândia, Apucarana e Cambé. Com apoio em Londrina, as ondas de povoamento partiram em várias direções, a derrubar as matas, plantando cidades novas que começam a existir com violência antes que os mapas tomem conhecimento de seus nomes. Nomes que vão entrando na cabeça da gente misturados com histórias de lutas de terras e de riquezas súbitas: Porecatú, Centenário, Alvorada, Manguari, Maringá... Dizia-se que o paralelo 23 marcava o limite sul da zona do café; à linha de frente dos batalhões verdes já passou de Campo Mourão, abaixo do paralelo 24. E junto com o café vêm os cereais, para matar a fome crescente das grandes cidades do Brasil. É inútil dizer que os dois grandes problemas aqui, são, como em toda parte no Brasil, transporte e energia.

Na verdade os problemas crescem com uma velocidade desorientadora. O governo planeja um grupo escolar para 400 crianças; quando o grupo fica pronto o número de crianças que precisa dele é de 2.000... O aluvião humano deixa para trás a máquina estatal; o "patrimônio" de súbito precisa virar município; o político que passou há dois anos para organizar o diretório de seu partido não encontra mais, agora nenhum dos membros: todos já seguiram adiante. Uma sociedade nova se instala de súbito; o soldado do destacamento que veio há cinco anos prender um assassino acabou ficando no povoado, e hoje o povoado virou cidade e o soldado virou fazendeiro. É a terceira vez que como poeira por estas estradas, e minhas surpresas rebentam de légua em légua. — R.B. 22.1.52

"2 Rep. Paraná"